

<https://doi.org/10.26512/pl.v9i18.29770>

Tradução recebida em: 05/04/2020
Tradução aprovada em: 03/07/2020
Tradução publicada em: 31/08/2020

ZUM SINN DES GEFÜHLS

Johann Gottfried Herder

Hugo Ramos Xavier Régis¹

(hugorxr@hotmail.com)

RESUMO

Sobre o sentido do tato é um esboço (*Skizze*) escrito por Herder em 1769, e reconstruído por Hans Dietrich Irmischer em 1960. Nele, o autor propõe-se investigar a importância epistemológica, estética e metafísica do tato. Assim, na medida em que desenvolve suas reflexões, acaba por se opor ao pensamento de autores como Winckelmann, Condillac, Mendelssohn e Leibniz. O esboço pode ser dividido em quatro momentos: no primeiro, é tematizado o potencial cognitivo do tato de acessar as forças formadoras do corpo e do universo. No segundo, o autor discute a formação do universo a partir da conexão entre Deus e os conceitos de espaço, tempo e força. Depois, é abordado a dinâmica conflituosa e mortal das forças de atração e repulsão no universo. Por fim, ele se debruça sobre a questão da imortalidade da alma e sua relação com o conceito de força.

Palavras-chave: Sentido. Tato. Sentimento. Força. Cegueira.

BIOGRAFIA

Johann Gottfried Herder (1744-1803), nasceu em Mohrungen, antiga Prússia. Já com seus 17, começou a estudar na Universidade de Königsberg, onde se interessou por uma variedade de temas, como teologia, literatura e filosofia. Nesta universidade, o jovem Herder frequentou as aulas do filósofo crítico Immanuel Kant e tornou-se amigo de Hamann, pensador crítico do Iluminismo. Após dois anos de intensa dedicação acadêmica, Herder se mudou para Riga, onde ocupou a posição de professor. Em 1769, deixou a docência e viajou para França e Strasbourg, onde, em 1770, conheceu e construiu uma forte amizade com o poeta Goethe. Goethe, em 1776, indicou Herder ao cargo de superintendente geral do clero luterano em Weimar, onde o filósofo morou até o final de sua vida.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB).
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6522305151452548>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1928-4088>.



SOBRE O SENTIDO DO TATO²

É estranho que sabemos tão pouco dos conceitos mais elevados da filosofia: atração e repulsão, os objetos mais simples do tato. O mais elevado da filosofia é simultaneamente o primeiro e conhecido.³

Portanto, assim como aqueles conceitos, tudo deve partir do tato e para ele retornar - que primorosa empreitada reduzir todos conceitos ao sentimento e aos sentidos!

Quão poucos conceitos tem um cego! Todas finas e delicadas nuances escapam a ele; todas pinturas da alma e da imaginação, todas palavras da *фина* abstração; mas seus conceitos são fortes, sentimentais,⁴ sensórios.⁵

Um idioma que um cego tivesse criado - que lindo campo para a reflexão! - Este certamente não seria um idioma francês! Mas que força, que verdade, que efetividade⁶ nas palavras, nas denominações, nos substantivos, adjetivos e verbos. Os substantivos seriam verdadeiros substantivos, isto é, designações de substâncias sentimentais enquanto tais; não como a maioria de nossas línguas são - fenômenos. Os adjetivos não seriam coloridos,

² *Gefühl*. Como aponta Franceschini, existe uma ambiguidade na forma como Herder se utiliza deste conceito, ambiguidade que se deixa traduzir ora por “tato”, ora por “sentimento”. Se por um lado, Herder faz uso dele para enfatizar uma forma específica de “tatear com os olhos”, a qual se contrasta ao simples ver da visão, por outro, em um sentido mais elementar, ele o utiliza para expressar a ideia de um sentimento de empatia capaz de sentir a força que forma o ser humano e o mundo. (2017, p. 105) Considerando esta ambiguidade, traduziremos *Gefühl* e o verbo de mesma raiz (*fühlen*) da forma como o contexto mostrar mais apropriado. Dito isto, a escolha adotada para traduzir seu uso no título se explica pelo fato de que este texto foi escrito e incluído por Herder a uma coleção de esboços chamada *Studien und Entwürfe zur Plastik* (“Estudos e esboços sobre a plástica”). Nela se encontra uma variedade de esboços e investigações que tratam sobretudo dos sentidos da visão e do tato e suas respectivas artes plásticas, a pintura e a escultura. [N.T.]

³ *bekannt*. Por mais que se tenha traduzido por “conhecido”, aqui não se trata de algo verdadeiramente conhecido, pois o *bekannt* sugere que algo é conhecido por conta de sua popularidade, ou seja, é de conhecimento comum. Porém, e este parece ser o ponto de Herder, aquilo que é popular e comum nem sempre é tão bem conhecido assim. [N.T.]

⁴ *fühlbar*. Este adjetivo é originado a partir da adjetivação do verbo *fühlen* que ocorre ao acrescentar o sufixo *-bar*. Contudo, esta não é qualquer adjetivação, e sim uma tal que acrescenta um sentido de passividade ao adjetivo. Deste modo, este termo é melhor compreendido como aquele aspecto do tato que remete a um sentimento empático e intuitivo da unidade entre mundo e ser humano. Outro motivo para interpretarmos assim, é o fato de que este termo também é traduzível por “evidente” e “óbvio”, remetendo-nos a este aspecto intuitivo. Portanto, conceitos sentimentais seriam conceitos que espelham e evidenciam a íntima relação entre eles e a atividade conceitual do ser humano, não seriam apenas puras abstrações vazias de aspectos humanos, fenômenos. [N.T.]

⁵ *sinnlich*. Este outro adjetivo, por outro lado, se assemelha mais com o substantivo *Sinn* (“sentido”), remetendo-nos ao aspecto corporal da origem dos conceitos. [N.T.]

⁶ *Wirklichkeit*. Também se pode traduzir este termo por “realidade, mas “efetividade” permite preservar a principal ideia do verbo (*würken*), de onde surge este substantivo, ou seja, a concepção de que uma força, por exemplo, afeta algo produzindo efeitos. No decorrer da obra, Herder usa uma variedade de verbos que carregam o mesmo radical, sempre preservando esta ideia de efetuação e afetação. [N.T.]



figurativos;⁷mas tateantes,⁸ fortes, sentimentais. Este idioma, no que diz respeito aos verbos, seria mais verdadeiro e forte: porque a audição do cego é mais interna, eficaz, profunda, exata, fina, tudo! Nos verbos, *tudo é mais figurativo* para a audição, *mais forte* para o tato, mais verdadeiro e essencial para a alma.

O mundo de um tateante⁹ é meramente um mundo do *presente imediato*; ele não tem nenhum olho, portanto, nenhuma distância enquanto tal. Logo, nenhuma superfície, nenhuma cor, nenhuma imaginação, nenhuma sensação¹⁰ da imaginação; tudo é presente, nos nossos nervos, imediato em nós. Que mundo para o filósofo! Pequeno, mas forte! *Idealismo!* Que mundo para o poeta! Pequeno, mas forte: nenhuma pintura da imaginação, mas sentimento, sensação, forte, longa e profunda sensação.

Propriamente falando, sensório.¹¹

Tentativa de entender como um filósofo cego conceberia um mundo!

419 a) *Eu me sinto! Eu sou!*¹² – Acredito que seja possível a um cego reduzir todo o corpo em sua estrutura às forças da alma. Acredito que um cego de nascença consiga, por assim dizer, *lembrar* de como a alma preparou seu corpo, de como cada sentido foi, por assim dizer, formado a partir de cada força. Nós não: porque somos muito dispersos, demasiadamente fora de nós para pensarmos sobre isto. Conhecemos nossa alma tão pouco quanto nosso rosto, porque não o estudamos; estudamos outras fisionomias apenas para as reconhecermos quando nos deparamos com elas; não estudamos a nós mesmos, porque não temos a necessidade de

⁷ *malend*. Adjetivo proveniente do verbo *malen* (“pintar”), portanto, tem a função de caracterizar um substantivo que figura e representa por meio de imagens. Numa tradução livre, poderíamos traduzir por “figurante”, algo que está figurando. [N.T.]

⁸ *fühlend*. Outro adjetivo produto da adjetivação do verbo *fühlen*. Porém, a adjetivação que ele sofre não adiciona um sentido de passividade, mas de atividade. Assim como em *malend*, o que ocorre aqui é a adição do *-d* ao final do verbo, dando continuidade à ação expressa pelo verbo. Logo, ele parece se remeter a ação ativa de sentir, de tocar, do toque. A própria maneira como Herder substantiva este adjetivo (Cf. nota de rodapé 9) mostra como ele tem aqui esse sentido ativo. [N.T.]

⁹ *Fühlenden*. Aquele que tateia. [N.T.]

¹⁰ *Empfindnis*. Diferente de *Sinn* e *Gefühl*, este substantivo possui um significado mais amplo. A sensação pode abranger tanto as sensações sensoriais como as sensações anímicas. [N.T.]

¹¹ *sinnlich*. Referente aos sentidos (*Sinne*) do corpo humano. [N.T.]

¹² *Ich fühle mich! Ich bin!*. Referência ao “penso, logo existo” de Descartes, por isso foi optado por traduzir o verbo *fühlen* aqui por “sentir”. Contudo, tendo em vista o desenvolvimento deste parágrafo, este “sentir” do qual Herder fala está intimamente ligado à capacidade do sentido do tato de alcançar uma forma única de auto reflexividade. [N.T.]



depararmos conosco. Vemos e estudamos apenas fenômenos: como nos tornamos fenômenos, não estudamos. Porém, um cego que fosse tão versado em metafísica¹³, tal como o matemático Saunderson,¹⁴ estudaria. Se ele regressasse,¹⁵ poderia chegar a tudo e lembrar-se-ia de tudo platonicamente: isso seria filosofia.

b) Se o cego explicou a si mesmo como é possível que *seu pensamento se manifeste no universo*, ou seja, como ele *adveio um corpo*, então ele encontra neste corpo, neste Eu tateante,¹⁶ *sensações¹⁷ de fora*, esta é sua segunda filosofia. Elas estão sempre ainda *nele*, logo são íntimas, fortes, simples, verdadeiras.

Tentativa de uma aproximação de como estas sensações se desenvolvem nele. Ele sente *a si* mesmo, sente seus membros e os explicou para si.¹⁸ Aqui viria um fisiólogo da alma e do corpo, o qual ainda não temos. Ele diria o que é isto: eu penso e toco, eu penso e escuto! Aqui nestes três conceitos jazeria a metafísica inteira do espaço, tempo e força:

Força: seria: eu penso; por isso eu me efetivo¹⁹ no universo, por isso sou corpo.

Espaço: eu toco: i. e. eu penso em uma esfera limitada

Tempo: eu ouço: i. e. eu penso em uma coisa depois da outra!

Que *metafísica*. A força de Deus é, então, todo-poderosa; Ele se efetiva no universo, este é Seu corpo: o corpo de Seu pensamento. Assim sendo, *o espaço de Deus* é infinito, e Ele não tem, *então, nenhum espaço*. O conceito é meramente uma negação de nossa limitação: Deus não sabe o que é espaço.

O tempo de Deus é infinito: Ele não sabe de nenhum tempo. O conceito é negação de nossa limitação, uma fraqueza de não conseguir pensar tudo de uma vez.

¹³ *Methaphysiker*. Aquele que estuda metafísica. [N.T.]

¹⁴ Nicholas Saunderson foi um importante matemático da época de Herder. [N.T.]

¹⁵ *zurückginge*. Com a intenção de expressar a ideia platônica da reminiscência, Herder descreve este ato de rememorar conectando o prefixo *zurück* ao verbo *gehen*. Este prefixo normalmente expressa a ação de “voltar” e “retornar”, já o verbo remete à ação de “ir”. Provavelmente, o uso deste verbo é usado por Herder para elucidar um resgate das teses platônicas acerca do mundo das Ideias, contudo, as circunscrevendo aos propósitos de sua própria teoria. [N.T.]

¹⁶ *führenden*. Cf. nota de rodapé 8. [N.T.]

¹⁷ *Empfindung*. Cf. nota de rodapé 10. [N.T.]

¹⁸ Talvez por se tratar de uma reconstrução de um esboço, Irmscher ou Herder devem ter abreviado certas palavras no decorrer do texto, exemplo disso é a abreviatura com a qual nos deparamos no texto original: “(v.n.a.)”. Não se sabe se ela foi inserida por Irmscher ou por Herder, a questão é que não existe qualquer tipo de indicação que acene para um significado, nem mesmo ao que ela possa estar se referindo. [N.T.]

¹⁹ *würke*. Como foi dito na nota de rodapé 6, *würken* expressa a noção de causar efeito, de efetivar algo. [N.T.]



Além disso: *quanto maior a força* de um ser pensante, mais ele se efetiva no universo, ainda mais ele o tateia, mais ele o ouve. Assim Deus sente e tateia,²⁰ por assim dizer, em todo o mundo, assim Ele pensa o mundo inteiro, o qual é um pensamento Dele que realmente existe.

Deus, por conseguinte, pertence ao mundo e o construiu assim através de seu pensamento, assim como o Sol construiu seus redemoinhos mediante sua atração e repulsão. Ele é *o pensamento, a força do mundo*. Eu estou abaixo Dele da mesma forma como a Terra está abaixo do Sol; mas também tenho minha Lua, minha esfera: *eu sou um deus*²¹ em meu mundo. Eu realmente estou vinculado a Deus, assim como estou vinculado à minhoca que pisoteio.

É possível que existam vários mundos que não estão conectados através do espaço e tempo, assim como vários deuses. Isto é fisicamente possível e não sei se realmente ocorre caso não exista um deus da Terra, de Júpiter, de Saturno, da Lua; caso não exista um deus do Sol mais forte do que todos planetas, isto é, do que estes deuses que existem em virtude dos sóis e das estrelas. O deus que enfim conecta tudo através do espaço e tempo é Ele, *Deus*.

Apenas assim consigo explicar o mundo: pela maneira que meu corpo se formou. Mediante atração e repulsão? Sim, isto equivale a dizer, se não suponho uma mônada,²² que é pela *força* que possui uma *força* limitada, e isto é a *alma*! Ora, pela maneira que a nossa Terra se formou; a partir do centro por meio do peso, mediante a atração e repulsão? Sim, é o que ocorre se o centro não contém a mônada.

Como o redemoinho de estrelas se formou? Através da atração e repulsão? Sim, mas no Sol, que é a força fundamental dessas denominações, as quais não são nada mais do que abstrações de muitas ações. Contudo, ações sempre pressupuseram seres ativos,²³ e, portanto, Deus, que é o Sol. Portanto, o persa está tão errado assim por ter venerado o Sol?

²⁰ *tastet*. Único momento da obra em que Herder utiliza o verbo “*tasten*”, verbo que pode ser traduzido inequivocamente por “tocar”. [N.T.]

²¹ Decidimos reservar a letra maiúscula no substantivo “Deus” quando Herder se refere àquele Sol anterior a todos outros planetas e sóis, pois, como ele enfatiza, é este Sol, mais afrente chamado de Elohim, que possibilita a existência dos deuses e dos outros astros. [N.T.]

²² *Monas*. Referência à concepção leibniziana das mônadas como substâncias que “não têm janelas pelas quais algo possa entrar ou sair.” (LEIBNIZ, 2004, p. 132). [N.T.]

²³ *handelndes*. Novamente encontramos aquela adjetivação de um verbo pela adição do *-d*. O caso agora é a adjetivação do verbo *handeln* (“agir”, “atuar” ou “negociar”), o qual carrega o substantivo *Hand* (“mão”) na sua



Um pequeno panorama da mitologia dos povos. Primeiro veio o mais velho Deus *Elohim*: (talvez mais velho do que todas estrelas, sóis, mundos, céus e Terra, o que eu sei?) isto é, o Deus do Sol, puro culto; portanto, o Sol ele mesmo. Então, veio os sóis abaixo, estrelas; em seguida o planeta Terra, finalmente o ser humano, animal – vede lá o caminho da razão através dos povos e tempos até o Egito. Por último a arte grega, tudo como ser humano: Sol, Terra, céu e assim em diante, por fim ninguém soube mais o que Ele quis.

Jeová é o Deus supremo, é o que ele é: *pensamento*; tudo está nele!

Mas como? Se existe um deus da Terra, do Sol, onde está então a vida deste corpo? Perguntar-se-á um piolho bem-comportado, um verme que se alimenta no corpo humano, pela vida do corpo inteiro? No máximo ele conhece sua floresta quando vive nos cabelos, e sua lama quando vive no suor. Estas coisas ele conhece melhor do que o filósofo com sua lente de aumento, mas também nada mais; o resto desaparece para ele na infinitude. O mesmo conosco. Nós conhecemos apenas seres humanos, animais e o que é do nosso gênero: a vida das plantas não conhecemos; não conhecemos a vida dos metais, os quais sem dúvida também vivem; a vida da Terra inteira, onde estão estas plantas, estes filões de minérios, cabelos e assim em diante, não conhecemos. Onde uma minhoca pode contemplar a imagem e semelhança do ser humano e saber por quem ela é esmagada? Ela não vê o ser humano, ele não vê a minhoca. Mas a filosofia nos faz supersticiosos? Ela nos fornece o gênio²⁴ da Terra? Não! Não nos faz supersticiosos. O gênio me escuta do mesmo modo que eu escuto os gritos de uma minhoca! Ele é muito grande para isso: ele conversa apenas com o gênio da Lua, do Sol! Eu sou muito pequeno para ele! Eu sou um deus em cima de suas costas e ao mesmo tempo um piolho, um verme em cima delas; então não adianta rezar, não adianta chamar, nada. Ele está para si da mesma forma que eu estou para mim, como quando quero andar e esmago a minhoca sem a escutar.

Nós sabemos das nossas vísceras? A minhoca sabe de igual forma dos filões e metais da Terra. Escutamos os cabelos de nossa cabeça? Ela escuta assim as plantas. Estamos lá para a minhoca que rasteja sobre nós? Ela também está assim para os seres humanos.

estrutura. Neste sentido, poderíamos pensar, junto a Herder, que a apreciação da importância epistemológica do tato também poderia implicar uma nova forma de entender questões éticas, da ação. [N.T.]

²⁴ *Genius*. Segundo Herder, *Genius* (gênio) corresponde ao “poder superior que anima um ser humano à criação de sua obra, a qual nós reconhecemos como inimitável e inalcançável, mas a sentimos nos afetando de maneira poderosa ou dócil. Esta distinta dádiva do céu, [os antigos] chamaram de ‘espírito’, ‘gênio’.” (HERDER, 1953, p. 584). (*Die höhere Macht, die einen Menschen zu Hervorbringung seines Werks belebet, das wir als unnachahmlich, als unerreichbar erkennen, aber mächtig oder sanft auf uns wirkend fühlen, diese auszeichnende Himmelsgabe nannten sie ‘Geist’, ‘Genius’*). [N.T.]



É assim, guerra e paz entre todos seres! Sol com Sol, planeta com planeta, corpo com corpo, ser humano com ser humano. – A seiva que esta planta não absorve,²⁵ uma outra absorve: elas disputam ou a seiva se torna algo diferente. Assim como ser humano com ser humano. Forças de atração e forças de repulsão são as leis que formaram o mundo, conservam e destroem! O que é a conservação do ser humano? Que eu tenha força o suficiente para evitar o prejudicial e trazer para mim o benéfico: me aperfeiçoar. Se eu não consigo o fazer, esta é uma causa que me destrói, que me afeta²⁶ de maneira mais forte do que eu consigo revidar,²⁷ então eu morro, assim um mundo morre.

Por exemplo. Uma minhoca é esmagada: ela não consegue reagir²⁸ ao meu pé: ela fica sob ele, curva-se, morre. Se ela fosse uma tartaruga, então conseguiria resistir a ele.

Eu sou morto em batalha: uma força mais violenta que minha pele surgiu,²⁹ ela me penetra, minhas partes vitais são dilaceradas: eu morro - Chega veneno em meus vasos sanguíneos, em meu *nerveum fluidum* desordenado, portanto, em meu coração, em minha alma, em tudo: eu morro. Estas são mortes violentas! Ai, como não.

Meus sentidos se desgastam, minha alma não consegue mais se aperfeiçoar, ela não consegue mais se efetivar no *espaço e tempo*, sua força vital não consegue mais se efetivar contra o todo que a atormenta - eu morro. *Logo, cada morte é violenta; também a própria morte natural é violenta, assim como cada morte violenta é natural.* Nós nomeamos tudo apenas segundo as escalas do sentimento e do fenômeno. No universo tudo é atração e repulsão e, portanto, violência.

Assim a Terra perece: ela envelhece, o Sol a atrai; ela não consegue se proteger, ela cessa de existir: ela morre. O Sol também – o que eu sei?

²⁵ *anzieht*. O verbo *anziehen*, além do sentido usado para caracterizar a “força de atração”, aqui é usado por Herder no contexto específico da botânica: a ação da planta de absorver nutrientes. Talvez para exemplificar a onipresença dessa força. [N.T.]

²⁶ *wirkt*. Cf. nota de rodapé 6. [N.T.]

²⁷ *zurückwürken*. O prefixo *zurück* traz a ideia de retorno, ou seja, o caso aqui seria de retribuir a força que se recebe. [N.T.]

²⁸ *gegenwürken*. Outro prefixo que Herder acopla ao verbo *würken* é *gegen*. Este prefixo fornece a imagem de uma oposição e confronto entre elementos, ou seja, aqui seria o caso de efetuar uma força contra algo. [N.T.]

²⁹ Novamente encontramos outra abreviatura no decorrer do texto original: “p.”. Ela aparece duas vezes e novamente não há qualquer indicação explícita que nos direcione ao seu significado. Porém, tendo em conta este contexto e o da próxima aparição de “p.”, decidimos traduzir esta primeira ocorrência por “surgiu”. Portanto, aqui a forma como “p.” aparece nos autoriza a entendê-lo como uma abreviatura para o verbo *passieren* (“acontecer”, “advir”, “ocorrer”). [N.T.]



Cada religião, oração e apelo para um ser superior é, então, filha do medo, da fraqueza e da ignorância. Deus se ocupa com o todo do mundo da mesma forma como nós nos ocupamos com o todo de nosso corpo. Mas nós *sentimos*³⁰ Ele com o arrepio de Sua presença, como o animal e o elefante. Nós *pensamos* Nele com a razão e a partir de fundamentos. Nós *amamos* Ele: isto é louvor, é culto, religião, não é nenhum favor, não é nenhuma queixa. Seja qual for a maneira que você se porte diante de seu Deus, você está de fato O louvando. Vinculado a Ele, você faz o que deve fazer: você perdura, atrai, repele: você é quem você é.

Aqui a imortalidade da alma vem à tona: na medida em que Deus é, então eu também sou.³¹ Minha morte é apenas um expulsar para fora do tempo e espaço: *nenhuma fraqueza de minha força*, porque eu sempre penso e procuro representações do universo. Somente eu sou expulso do lugar e do tempo através dos objetos externos, minha máquina é destruída. O que minha alma faz? Ela permanece no universo: ela procura um lugar, um tempo, uma situação para acumular representações, ela imediatamente começa a construir novamente um corpo. Onde? Como? Em qual tempo? De qual forma? Esta é a pergunta?

As representações que a alma acumulou do universo são perdidas ou não? Nós devemos regressar³² às representações lá na alma. Uma força cuja natureza deve ser cada vez mais eficiente também deve sempre continuar a se efetivar, mas ela cresce ao se efetivar ou sempre permanece sendo apenas o que ela é? Eu acredito na última alternativa! Mas, além disso

1) na natureza, os seres procuram matéria, seguir-se-á disso que existam forças evanescentes? Não! Tudo permanece o mesmo através da atração e repulsão.

2) precisamente a alma da natureza é, assim, sempre alma humana.

O corpo é separado da alma e destruído, ela imediatamente começa a construir um novo corpo; o *último* pensamento se torna o primeiro. Que ele seja um *bom* pensamento, significa se exercitar durante a vida inteira, *morrer*, ou seja, morrer *sossegado*. Caso contrário, o primeiro

³⁰ O verbo empregado aqui é *empfinden*, ou seja, um sentir mais genérico, não necessariamente tão íntimo quanto o sentir do verbo *fühlen*. [N.T.]

³¹ Novamente nos deparamos com “p.”. Assim como na ocorrência anterior, foi decidido traduzir esta letra pelo verbo *passieren*, mas, aqui, na primeira pessoa do singular: *passiere*. Porém, diferentemente do caso anterior, a tradução deste verbo por “acontece”, “advenho”, ou “ocorro” não soaria bem. Por isso escolhemos o traduzir por “sou”, mas deve-se ter em mente que a ênfase não se situa no aspecto estático de ser, e sim no aspecto de vir-a-ser, ou seja, que ele vem a ser em função de Deus. Desta forma, se preserva o sentido de aparição e surgimento expresso pelo verbo *passieren*. [N.T.]

³² *zurückgehen*. Novamente uma referência à ideia platônica da reminiscência. [N.T.]



estado é desagradável. Eu não acredito que todo o resto se seguiria disto, mas ainda sim sempre há influência. A alma, por conseguinte, deve se esforçar para vir em um estado melhor do que está, obviamente.

Um ser humano que morre pela idade é o mais feliz, o suicida dificilmente está sossegado. Mesmo se ele fosse um herói, ele não deve se enfurecer, mas ter uma mansa grandeza, uma sossegada serenidade e não se apavorar.

Se medo é o último momento, então o medo é o primeiro. Por isso os tremores. Se o último momento é um esforço errado de se sossegar, então este esforço é também o estado dominante. Assim como a insatisfação, a ira, tudo. Mesmo o ópio não consegue ajudar: ele faz com que os sonhos sejam dormentes ao invés de sonhos acordados, imagens ao invés de sensações corporais. Isto cria, portanto, disposições à aparência, em vez da verdade.

Daí tentar explicar as almas humanas. Por exemplo: Explicar o fato de se ter uma imaginação mais forte do que a sensação, de amar mais a visão do que o tato, de se confeccionar abstrações para o sentimento – Para tal, deve-se começar tudo com receio – saber que algumas questões são grandes e pequenas – entender que a educação faz muito mas não tudo.

Pergunta: é o caso desta última diversidade ter tanta influência, ao ponto de o ser humano não se tornar ser humano, mas conseguir se tornar outra coisa? Por exemplo, é o caso das metamorfoses serem possíveis em animais? Eu creio que não – pois o que tange a diversa aproximação animal e humana através do caráter não altera a formação de uma matéria. Eu creio que a força fundamental permanece sendo força fundamental. A alma humana é essencialmente distinta de outras. O ser humano permanece ser humano.

A moral, assim, é inventada apenas para assustar, se não o fosse, os oradores se tornariam tão animais quanto aquele que é avarento.³³ Não é sobre a moral que se fala aqui, mas sim acerca da *natureza* do caráter *como um todo*, fazendo com que aquela pergunta ainda valha. Eu não acredito que o desejo torne fleuma em pássaros e asnos, que a vaidade de Cloé³⁴ a transforme na pomba. Estas são belas ou úteis criações poéticas, nada mais.

Questiona-se o fato de que eu coletei forças, o porquê de pensar mais num grande espaço e num curto tempo. Resposta: para coletar mais representações.

³³ *Geiziger*. Substantivo proveniente do adjetivo *geizig* (“avarento”). Neste sentido, caracteriza uma pessoa que é egoísta e sovina. [N.T.]

³⁴ Personagem de romance pastoril escrito no Império Romano por Longo de Lesbos. O romance retrata a história de amor entre Cloé e Dáfnis. [N.T.]



ZUM SINN DES GEFÜHLS

Es ist sonderbar, daß die höchsten Begriffe der Philosophie von Anziehung und Zurückstoßung, die einfachsten Sachen des Gefühls sind, so wenig wissen wir! das Höchste der Philosophie ist zugleich das Erste und bekannt.

Vom Gefühl aus muß sich also wie dies so alles ausgehen, und dahin zurückkommen - welche vortreffliche Unternehmung alle Begriffe dahin zu reduciren! zum Gefühl und auf die Sinne.

Wie wenig Begriffe hat ein Blinder! Alle feine, delikate Nuancen entgehen ihm; alle Malereien der Seele und der Einbildungskraft, alle Worte der *feinen* Abstraktion; aber seine Begriffe sind, stark, fühlbar, sinnlich.

Eine Sprache, die ein Blinder ersonnen hätte - welch schönes Feld zum Nachdenken! - Es wäre sicherlich keine französische Sprache! aber welche Stärke, welche Wahrheit, welche Wirklichkeit in den Worten, in den Benennungen, in den Substantiven, Adjektiven und Verben. Die Substantive wären wahre Substantive d. i. Bezeichnungen fühlbarer Substanzen, als solcher; nicht wie die meisten von unser Sprachen sind - Erscheinungen. Die Adjektive wären nicht farbicht, malend; aber fühlend, stark, fühlbar. Die Sprache weit wahrer und stärker in Absicht auf die Verben: denn das Gehör des Blinden ist inniger, wirksamer, tiefer, genauer, feiner, Alles! Alles *malender fürs Gehör* in Verben, *stärker fürs Gefühl*, wahrer, wesentlicher für die Seele!

Die Welt eines Fühlenden ist bloß eine Welt der *unmittelbaren Gegenwart*; er hat kein Auge, mithin keine Entfernung als solche: mithin keine Oberfläche, keine Farben, keine Einbildungskraft, keine Empfindnis der Einbildungskraft; alles gegenwärtig, in unsern Nerven, unmittelbar in uns. Welche Welt für den Philosophen! klein, aber stark! *Idealismus!* Welche Welt für den Dichter! klein aber stark: keine Malerei der Einbildungskraft aber Gefühl, Empfindung, starke, lange, tiefe Empfindung.

Im eigentlichen Verstande sinnlich.

Versuch, wie ein blinder Philosoph sich eine Welt denken würde!

a) *Ich fühle mich! Ich bin!* - Ich glaube, daß es für einen Blinden möglich ist, den ganzen Körper in seinem Gebäude auf Kräfte der Seele zu reduciren. Ich glaube, daß ein geborner Blinder sich gleichsam *erinnern* kann, wie die Seele sich ihren Körper bereitet, wie aus jeder Kraft jeder Sinn gleichsam gebildet wurde. Wir nicht: denn wir sind zu zerstreut, zu sehr aus uns geworfen, um daran zu denken. Wir kennen unsere Seele



so wenig, wie unser Gesicht, weil wirs nicht studieren; wir studieren andre Physiognomien nur um sie zu erkennen, wenn sie uns begegnen; uns selbst studieren wir nicht, weil wir nicht nötig haben, uns zu begegnen. Wir sehen und studieren nur Erscheinungen; wie wir Erscheinungen geworden sind, studieren wir nicht. Das würde aber ein Blinder, der so Metaphysiker wäre, als Saunderson Mathematiker. Er würde wenn er zurückginge auf alles kommen, und sich Platonisch alles erinnern: das wäre Philosophie.

*

b) Wenn der Blinde auf die Art sich selbst erklärt, hat, wie *sein Gedanke sich im Universum offenbare, d. i. wie er ein Körper geworden ist*: so trifft er in diesem Körper, in diesem fühlenden Ich, *Empfindungen von Außen* an, d. i. das ist seine zweite Philosophie. Diese sind noch immer *in ihm*, folglich innig, stark, einfach, wahr.

Versuch einer Annäherung, wie sich diese Empfindungen in ihm entwickeln. Er fühlt *sich* selbst: seine Glieder und hat sie sich erklärt (v. n. a.). Hier würde ein Physiologe der Seele und des Körpers kommen, den wir noch nicht haben. Er würde sagen, was das ist: ich denke und fühle: ich denke und höre! Hier würde in diesen drei Begriffen die ganze Metaphysik von Raum, Zeit und Kraft liegen:

Kraft: wäre: ich denke; darum würke ich ins Universum darum bin ich Körper.

Raum: ich fühle: d. i. ich denke in einer eingeschränkten Sphäre.

Zeit: ich höre: d. i. ich denke Eins nach Eins!

Welche *Metaphysik*. Gottes Kraft ist also Allmacht; er würkt ins Universum, das sein Körper ist: der Körper seines Gedankens: *Gottes Raum* ist also unendlich, und er hat *also keinen Raum*: der Begriff ist bloß eine Verneinung unserer Eingeschränktheit: Gott weiß nicht, was Raum ist.

Gottes Zeit ist unendlich: er weiß von keiner Zeit: der Begriff ist Verneinung unserer Eingeschränktheit, eine Schwäche nicht alles auf einmal denken zu können.

Ferner: *je größere Kraft* eines denkenden Wesens: desto mehr würkt es ins Universum: desto weiter fühlt: desto mehr hörts. So fühlt Gott und tastet gleichsam in der ganzen Welt: so hört er in der ganzen Welt; so denkt er die ganze Welt, die ein Gedanke von ihm ist, der wirklich existiert.

Gott gehört also zur Welt, und hat sie so durch seinen Gedanken gebauet, wie die Sonne durch ihre Anziehung und Zurückstoßung ihren Wirbel. Er ist *der Gedanke, die Kraft der Welt*: ich stehe unter ihm, wie die Erde unter der Sonne; ich habe aber



meinen Mond, meine Sphäre: *ich bin ein Gott in meiner Welt*. Ich bin wirklich in der Kette mit Gott, so wie ich in der Kette mit dem Wurm bin, den ich mit Füßen trete.

Ists möglich daß viele Welten sind, die nicht durch Raum und Zeit verbunden sind: so auch viele Götter. Physisch ist das möglich und so weiß ich nicht, obs nicht einen Gott der Erde, des Jupiters, des Saturns gebe. Einen Gott des Mondes; einen Gott der Sonne der stärker ist, als alle Planeten: Götter, so viel Sonnen, als es Sterne gibt. Der Gott, der endlich alles durch Raum und Zeit verbindet, der ist *Gott*. Hier endigt sich die Physik in Metaphysik, und was weiß ich da mehr.

Bloß so kann ich die Welt erklären: wie hat sich mein Körper gebildet. Durch Anziehung und Zurückstoßung? was will das sagen, wenn ich nicht eine Monas setze, die *Kraft*, die eingeschränkte *Kraft* hat, und das ist die *Seele*! Wie hat sich nun unsere Erde gebildet; aus dem Mittelpunkt durch Schwere, Anziehung und Zurückstoßung? was ist das, wenn der Mittelpunkt nicht Monas enthält.

*

428

Wie hat sich der Sternenwirbel gebildet? Durch Anziehung und Zurückstoßung? Ja aber in der Sonne Grundkraft dieser Benennungen, die nichts als Abstraktionen vieler Handlungen sind. Handlungen aber setzten immer handelndes Wesen voraus: und also Gott, der die Sonne ist. Hat also Perser so unrecht, daß er die Sonne verehrt hat?

Eine kleine Aussicht auf die Mythologie der Völker. Der älteste Gott *Elohim*: (vielleicht alle Sterne, Sonnen, Welten, Himmel und Erde, was weiß ich?) Alsdenn der Gott der Sonne, reiner Gottesdienst; alsdenn Sonne selbst: alsdenn, Unter Sonnen, Sterne: alsdenn Erde, endlich Mensch: Tier - seht da der Gang der Vernunft durch Völker und Zeiten bis Ägypten: endlich die Griechische Kunst, alles als Mensch: Sonne, Erde, Himmel usw. endlich wußte keiner mehr, was [?] er wollte.

Der Jehova ist der höchste Gott: ist, der er ist: *Gedanke*; alles liegt in ihm!

Aber wie wenn es einen Gott der Erde, der Sonne; wo ist denn das Leben dieses Körpers? Artig, frage doch eine Laus, eine Made, die sich im Menschlichen Körper nährt, nach dem Leben des ganzen Körpers? Sie kennt höchstens ihren Wald, wenn sie in Haaren, und ihren <...> Schlamm, wenn sie im Schweiß lebt. Diese kennt sie besser, als der Philosoph mit seinem Vergrößerungs Glase, aber auch nichts weiter; das übrige verschwindet für sie ins Unendliche. So auch mit uns. Wir kennen nur Menschen, Tiere, und was unserer Art ist: das Leben der Pflanzen, kennen wir nicht: das Leben der Metalle, die ohne



Zweifel auch leben, nicht; das Leben der ganzen Erde, wo diese Pflanzen, diese Mineral-Adern, Haare, usw. sind; nicht. Wo kann ein Wurm das Ebenbild des Menschen betrachten und wissen, von wem er zertreten wird: er sieht den Menschen nicht, der Mensch ihn nicht: die Philosophie aber macht uns abergläubisch? Sie gibt uns einen Genius der Erde? Nein! nicht abergläubisch, der Genius hört auf mich so wenig, als ich auf das Schreien eines Wurms! Er ist zu Groß dazu: er spricht nur mit dem Genius des Mondes, der Sonne! Ich bin ihm zu klein! Ich bin ein Gott auf seinem Rücken und zugleich eine Laus, ein Wurm darauf; also nicht anbeten, nicht rufen, nichts: Er hat mit sich so zu tun, wie ich mit mir, ohne daß ich den Wurm höre wenn ich gehn will und ihn zertrete.

Wissen wir von unseren Eingeweiden? so weiß er von den Adern und Metallen der Erde. Hören wir die Haare unsers Kopfs? so er die Pflanzen. Sind wir für jeden Wurm da, der auf uns kriecht? so er für die Menschen.

Es ist also Krieg und Friede unter allen Wesen! Sonne mit Sonne: Planet mit Planet: Körper mit Körper: Mensch mit Mensch. - Den Saft den diese Pflanze nicht anzieht, eine andre: sie streiten, oder er wird das anderes. So Mensch mit Mensch: Anziehungs- und Zurückstoßungskräfte sind die Gesetze, die die Welt gebildet haben, erhalten und zerstören! Was ist Erhaltung des Menschen? daß ich Kraft genug habe, das Schädliche abzuwenden, das Gute an mich zu ziehen: mich zu vervollkommen. Kann ich das nicht ist eine Ursache, die mich zerstört, die stärker auf mich würkt, als ich zurückwürken kann, so sterbe ich so stirbt eine Welt.

Z. E. Ein Wurm wird zertreten: er kann gegen meinen Fuß nicht gegenwürken: er unterliegt krümmt sich, stirbt. Wäre er Schildkröte, so könnte er mehr aushalten -

Ich werde in der Schlacht getötet: eine gewaltsamre Kraft, als meine Haut ist p. dringt auf mich: meine Lebensteile zerrissen: ich sterbe - Es kommt Gift in meine Adern, mein *nerveum fluidum* in Unordnung, mithin mein Herz, meine Seele alles: ich sterbe: Das sind gewaltsame Tode! Ei natürlich.

Meine Sinne nutzen sich ab: meine Seele kann sich nicht mehr vervollkommen: sie kann nicht mehr im *Raum und Zeit* würken: ihre vitale Kraft also kann nicht mehr dem Allen entgegenwürken, was auf sie stürmt - ich sterbe. *Jeder Tod ist also gewaltsam; auch selbst der natürliche Tod, so wie jeder gewaltsame Tod natürlich ist.* Wir nennen alles nur <...> nach dem Maßstabe des Gefühls und der Erscheinung. im Universum ist Alles Anziehung und Zurückstoßung und Also Gewaltigkeit.

So geht die Erde unter: sie wird alt: die Sonne zieht sie an; sie kann sich nicht verteidigen sie fällt: sie stirbt: so Sonne - was weiß ich?



Jede Religion, Gebet, Anrufung hoher Wesen ist also Tochter der Furcht, der Schwachheit, der Unwissenheit. Gott ist so mit dem Ganzen der Welt beschäftigt, wie wir mit dem Ganzen unseres Körpers. Aber ihn *empfinden*, mit dem Schauer seiner Gegenwart: wie das Tier und der Elefant: ihn *denken* mit Vernunft und aus Gründen: ihn *lieben*: das ist Lob, das ist Dienst, das ist Religion, keine Bitte, keine Klage. Sei du deinem Gott, wie du es sein kannst, so lobst du ihn reell: du tust das in der Kette mit ihm, was du zu tun hast: du hältst, ziehst an, stößt zurück: bist was du bist.

Die Unsterblichkeit der Seele schließt sich hier mit ein: so lange Gott, Gott ist, so auch ich p. Mein Tod ist nur ein Vertreiben, aus Zeit, und Raum: *Keine Schwäche meiner Kraft*: denn ich denke immer, und suche Vorstellungen des Universums. Nur ich werde durch äußere Sachen, von dem Ort, Zeit vertrieben, meine Maschine wird vernichtet. Was tut meine Seele? sie bleibt im Universum: sie sucht einen Ort, eine Zeit, eine Situation um sich Vorstellungen an zu sammeln: sie fängt gleich an, sich wieder einen Körper zu bauen. Wo? wie? in welcher Zeit? von welcher Gestalt? Das ist die Frage?

Die Vorstellungen die sich die Seele vom Universum gesammelt hat sind sie verloren, oder nicht verloren? Da müssen wir auf Vorstellungen zurückgehen. Eine Kraft, die ihrer Natur nach immer wirksam sein muß, muß auch immer fortwürken, aber wächst sie indem sie würkt? oder bleibt sie nur immer, was sie ist? Ich glaube das Letzte! Dazu aber

1) in der Natur Materie Wesen suchen, ob es fortgehende Kräfte gebe? Nein! alles bleibt durch Anziehung und Zurückstoßung sich gleich.

2) die Seele von eben der Natur; ist also immer Menschliche Seele:

*

Ihr wird der Körper genommen und zerstört: sie fängt gleich an; der *letzte* Gedanke wird der erste: dieser sei *gut*: das heißt sich im ganzen Leben üben, zu *sterben*, d. i. *ruhig* zu sterben. Sonst ist der erste Zustand unangenehm. Ich glaube nicht daß alle [-s?] übrige aus diesem folge [-n?]; aber doch immer Einwirkung. sie muß sich alsdenn Mühe geben in einen bessern Zustand zu kommen, statt daß dieser natürlich ist.

Ein Mensch, der vor Alter stirbt, ist der glücklichste: der Selbstmörder ist kaum ruhig. Auch selbst wenn er Held wäre, muß er nicht wüten, sondern stille Größe, ruhige Gelassenheit haben und nicht erschrecken.

Ist Furcht, der letzte Augenblick: so Furcht der erste. Daher die Zitterer. Ist falsche Mühe was zu sein, und sich ruhig zu machen, der letzte; so diese Mühe, auch



der herrschende Zustand. So Unzufriedenheit so Zorn, so Alle. Selbst Opium kann nicht helfen: Es setzt schlafende Träume statt wachende Träume: Bilder statt körperliche Empfindungen: es schafft also Dispositionen zum Schein, statt der Wahrheit.

Versuch hieraus die Menschlichen Seelen zu erklären z. E. die Einbildung stärker haben, als Empfindung: Gesicht mehr lieben, als Gefühl: fürs Gefühl sich Abstraktionen erkünsteln - Alles mit Bangigkeit anfangen - groß und klein sind - Erziehung tut viel aber nicht Alles.

Frage: ob diese letzte Verschiedenheit so viel Einfluß hat; daß der Mensch auch nicht Mensch wird, sondern was anders werden kann? Z. E. Sollten Metamorphosen in Tiere möglich sein? ich glaube nicht - denn was die verschiedene Tierische und Menschliche Annäherung durch Charakter betrifft, das macht zur Bildung eines Stoffs nicht. ich glaube Grundkraft bleibt Grundkraft. Menschliche Seele ist wesentlich von andern verschieden. Mensch bleibt Mensch.

*

431 Moral hierüber ist nur zu schrecken erdacht: sonst müßten die Beter [?], so gut Tiere werden, als der Geizige. Es wird nicht von Moral, sondern *ganzem Natur* Charakter geredet, und da gelte die Frage. und da glaube ich nicht, daß Lust Phlegma zu Vögeln, Esel mache, daß die Eitelkeit der Chloe sie zur Taube mache. Das sind schöne oder nützliche Dichtungen, nichts mehr.

Daß fragt sich habe ich Kräfte gesammelt in einem großen Raum und in einer kurzen Zeit mehr zu denken: mehr Vorstellungen zu sammeln.



REFERÊNCIAS

FRANCESCHINI, Pedro Augusto da Costa. O pensamento estético e a Plástica de Herder. *Discurso*, v. 47, n. 1, p. 95-126. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/134067>>. Acesso em: 02 abril 2020.

HEINZ, Marion. *Sensualistischer Idealismus: Untersuchungen zur Erkenntnistheorie und Metaphysik des jungen Herder (1763–1778)*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1994.

HERDER, Johann Gottfried. Zum Sinn des Gefühls. In: PROSS, W. (org.). *Johann Gottfried Herder Werke: Herder und die Anthropologie der Aufklärung Band 2*. München: Carl Hanser Verlag, 1987. p. 241-250.

_____. Von Kunstricherei, Geschmack und Genie. In: GEROLD, K. G. (org.). *Johann Gottfried Herder: Werke in zwei Bänden, zweiter Band*. München: Carl Hanser Verlag, 1953. p. 584.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Os princípios da filosofia ou A monadologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

